

A CASA NOBRE NO CONCELHO DE PONTE DE LIMA. ANÁLISE DOS FRONTISPÍCIOS: VIVÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO

MARIA AMÉLIA DA SILVA PAIVA*

Resumo: A análise dos frontispícios da casa nobre do concelho de Ponte de Lima permite traçar a sua evolução desde as primeiras residências fortificadas até aos distintos modelos setecentistas. Assim, nas residências tardo medievais as fachadas são imponentes, robustas e com poucas aberturas, concebidas numa perspectiva de defesa; a partir da Época Moderna os vãos de janela e de porta atingem maiores dimensões e passam a desempenhar um papel lúdico, proporcionando uma maior interação entre o interior habitado e o espaço cénico. Surgem novas estruturas: arcadas, varandas alpendradas e escadarias de aparato. Com este trabalho procuramos interpretar a evolução dos frontispícios da casa senhorial limiana e as diferentes estratégias de afirmação dos privilegiados ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Casa Nobre; Ponte de Lima; Frontispícios; Vivências.

Abstract: The analysis of the frontispieces of the noble houses of the municipality of Ponte de Lima allows us to trace their evolution from the earliest fortified residences up to the different models of 18th century houses. Thus, in the late medieval residences, we find towering and robust façades with few openings, conceived for defensive purposes; in modern times, the sizes of doors and windows have increased. They also play a ludic role and provide a greater interaction between the inhabited space and the external scenic area. New structures appear: arcades, balconies and staircases. This work seeks to interpret the evolution of the frontispieces of Ponte de Lima manor houses, and the different strategies used by the privileged to affirm their power.

Keywords: Manor House; Ponte de Lima; Frontispieces; Strategies of Affirmation.

* Estudante de Doutoramento FLUP. ameliapaiva@gmail.com.

1. DA CASA MEDIEVAL À QUINHENTISTA

Os frontispícios das *casas fortes* mostram ser grandiosos e robustos, pela altura que apresentam e pelos silhares de granito de que são constituídos. Exibem uma grande sobriedade formal, e uma grande homogeneidade nas quatro faces do edifício. A principal distinção entre a fachada principal e as restantes é a presença de um vão de porta. As outras faces do imóvel mostram poucas aberturas: frestas longitudinais estreitas ou pequenos vãos de janela, abertas sobretudo na parte superior da torre, nos últimos andares, únicas fontes de luz natural para o interior. Ao nível do entablamento encontram-se merlões. A casa-torre, inspirada nos modelos da arquitectura militar medieval e símbolo da ascensão de linhagens secundárias, era uma estrutura de defesa por excelência, último reduto em caso de perigo. Logo, a existência de vãos de janela ou de porta fragilizava a sua capacidade defensiva, sobretudo se estes estivessem colocados na parte inferior. Portanto, os vãos que se encontram numa cota mais baixa são claramente posteriores à construção original. Só o vão de porta aparecia num plano inferior, ao nível do primeiro piso, sendo no entanto suficientemente elevado do solo para que, em caso de necessidade, se pudesse fechar, tornando-se desse modo inexpugnável. Assim, e considerando a organização vertical destas torres, só os últimos andares, o espaço mais reservado e mais nobre, beneficiava de luz natural directa de forma regular. O resto do imóvel era ocasionalmente iluminado com luz artificial. Consequentemente, e estabelecendo um paralelismo entre o espaço mais nobilitado da residência senhorial medieval e a luz natural, podemos concluir que mesmo nos tempos mais remotos, quando o bem-estar ainda não definia prioridades, os Senhores tinham reservado para si a parte mais ventilada e iluminada da casa. Em Portugal, só nos últimos anos do século XV e no início do século XVI, e em casos pontuais, surgem vidraças nas janelas, pelo que os vãos de janela das casas medievais tinham que ser necessariamente exíguos de forma a controlar o frio, o vento, a chuva ou o calor. Os vãos, tanto os de janela, como os de porta, não apresentam neste período molduras, nem elementos decorativos de relevo.

No concelho de Ponte de Lima, a Torre de Refoios é um dos exemplares mais antigos deste tipo de residência¹, apesar dos investigadores não estarem de acordo relativamente à sua ancestralidade. Para Carlos de Azevedo trata-se de um exem-

¹ Segundo António José Baptista, pároco da freguesia da Facha, do concelho de Ponte de Lima, a Casa do Paço, que se presume ser o Solar medieval dos Velhos, é a mais antiga da Facha, e provavelmente, uma das mais antigas de Ponte de Lima. De acordo com este investigador a Casa do Paço terá pertencido a D. Sueiro Mendes, casado com a condessa D. Elvira Gonçalves, neta de Egas Moniz e, por isso, sobrinhaneta de Ermígio Moniz, Tenente do Julgado de Santo Estêvão. Apesar de todas as intervenções, esta casa conserva ainda parte de uma torre com dois vãos de porta ogivais, um deles com simbologia heráldica

plar do final do século XIV², enquanto para Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a edificação da Torre de Refoios remete para os inícios de Quinhentos³. Mais recentemente, José Custódio Vieira da Silva situa a sua construção na primeira metade do século XIII, antes das Inquirições de 1258, considerando-a mais arcaizante do que a Torre de Penegate, sita na freguesia de São Miguel de Carreiras, concelho de Vila Verde⁴.

Além desta, existem a torre do Solar de Bertianos, na freguesia de Bertianos, e o Paço do Corutelo, na freguesia do Freixo, que apresentam igualmente uma estrutura arcaizante, se bem que já sejam consideradas quinhentistas.

O Paço de Bertianos é um dos mais emblemáticos da região, sendo constituído por uma torre ameada mandada construir por D. Inês Pinto em 1566 e por dois edifícios setecentistas, que consubstanciam diversas tendências do Barroco português. Também o Paço do Corutelo, referido nas inquirições medievais: «item a quinta que chamam o Paaço e a casa de Corutello»⁵; parece ter sido construído ou reconstruído na centúria de quinhentos, possivelmente em 1532, quando o 5.º Morgado de Coucieiro, ao ver-se a contas com a justiça, vendeu a quinta ao 4.º Duque de Bragança, que tudo emprazou a D. João Rodrigues de Lago, em pagamento dos serviços que este fidalgo prestou na conquista de Azamor, em 1513, permanecendo a propriedade na posse dos seus descendentes.

2. A CASA QUINHENTISTA E SEISCENTISTA

A partir dos meados século XVI, e nas centúrias seguintes, embora a estrutura turriforme permaneça na arquitectura civil do concelho, surge uma nova dinâmica: uma torre com um corpo residencial de planta rectangular adossado, e por vezes ainda uma capela vincular, e nalguns casos também com uma portada armoriada ou não. Os frontispícios tendem a desenvolver-se na horizontal, mostrando uma nova organização de acordo com a funcionalidade dos espaços. Todos os compartimentos do conjunto edificado passam a ter um ou mais vão de janela, sendo que os do andar nobre se distinguem pelas dimensões, e pelas molduras de granito com uma preocupação estética acrescida. Surgem também mais vãos de porta, permitindo uma circulação mais activa. Os vãos, de maiores dimensões, estabelecem uma

nos gonzos, que se repete nas vergas de uma janela hoje reconstruída. Além disso mostra também siglas de pedreiros.

² AZEVEDO, 1988: 165.

³ ALMEIDA, 1987: 116.

⁴ SILVA, 2002: 50.

⁵ SOTTOMAYOR-PIZARRO, 2013: 101.

maior interacção entre o interior habitado e o exterior contemplativo, assumindo um papel lúdico, e animando as fachadas das casas.

As torres e os merlões perdem definitivamente o seu carácter defensivo, tornando-se em arquétipos do poder senhorial. Do ponto de vista artístico, coexistem elementos da gramática decorativa Manuelina com a sobriedade própria do Maneirismo.

Na Vila de Ponte de Lima, a antiga Alcaidaria-mor, actualmente Paço do Marquês, apesar das múltiplas intervenções que conheceu ao longo dos tempos, ainda mostra na fachada virada a Norte três vãos de janela com molduras manuelinas⁶, muito semelhantes às do Paço da Giela, no concelho de Arcos de Valdevez, ambos pertencentes à Família de D. Leonel de Lima. A origem deste edifício está bem documentada⁷, remetendo-nos para o ano de 1464, quando D. Leonel de Lima (1403-1495) foi nomeado Alcaide-mor por D. Afonso V (Elvas, 20 de Abril); no entanto, desconhece-se quando é que ficou concluída aquela que, em nosso entender, foi a primeira casa nobre a ser construída intramuros. Acreditamos que terá sido D. Francisco de Lima, 3.º Visconde de Vila Nova de Cerveira, a encerrar o seu ciclo construtivo, ou quiçá a introduzir alterações significativas ao projecto inicial, ampliando e libertando o edifício do seu cunho tardo medieval, mas certamente só depois de 1510, após ter servido D. Manuel I em Arzila. Alguns documentos, nomeadamente um pergaminho de 1520⁸, e várias escrituras de empraçamento realizadas entre 1514 e 1532⁹, envolvendo directamente este fidalgo, ajudam a corroborar esta tese. Uma dessas escrituras fornece-nos inclusive algumas pistas sobre o interior da residência do alcaide:

Anno 1532. Saibam quantos este estormento d'empraçamento virem que no anno do nascimento de nosso senhor Jhesus Christo de mil quinhentos e trinta e dous annos aos vinte dias do mês de d'Abril em ha villa de Ponte de Lima no castelo da dicta villa na salla do senhor dom Francisquo de Lima bizcom de Villa Nova e senhor da villa dos Harquos e terra de Vealldvez [...] ¹⁰.

⁶ Não se exclui a hipótese destas molduras terem transitado de um edifício anterior, e terem sido colocadas tal como as conhecemos hoje em resultado de uma intervenção ocorrida nos meados do século XVIII ou no início do século XIX.

⁷ PAIVA, 2011: 565.

⁸ A.M.P.L. – Pergaminho n.º 60 (Sentença do rei D. Manuel I, anulando a carta de mercê que concedera a D. Francisco de Lima, Visconde de Vila Nova de Cerveira, 1520, Março 20 – Évora).

⁹ A.D.B. – Livro de Títulos e Prazos de Casais de Ponte de Lima (Aqui contém alguns Prazos e Arrendamentos de Cazais tudo feito pelo Visconde D. Francisco de Lima), (1532, Abril, 20 – Ponte de Lima).

¹⁰ RODRIGUES & MARQUES, 2007: 180.

Deste modo, tudo aponta para que na década de trinta do século XVI, não só a residência do Alcaide já estivesse concluída, como tinha uma sala, lugar privilegiado da casa, onde este recebia e administrava os seus bens familiares. Provavelmente, os vãos de janelas com as molduras manuelinas correspondiam a este espaço nobilitado, que deveria ter uma dimensão considerável.

Do século XVII parece ser a Casa-torre dos Barbosa Aranha, situada na encosta íngreme da Calçada da Fonte da Vila, constituindo um caso singular no tecido edificado da Vila de Ponte de Lima, já que é o único exemplar desta tipologia dentro do perímetro urbano. Este edifício apresenta uma torre de planta quadrangular, em cantaria, de três pisos, rematada por merlões chanfrados assentes sobre cornija com gárgulas de canhão, e ala adossada, de planta rectangular, desenvolvida em três andares, em cantaria rebocada e pintada de branco. A casa torreada dos Barbosa Aranha (assim conhecida por apresentar na fachada da ala residencial um escudo esquartelado com a representação heráldica destas famílias) apresenta, tal como muitas outras casas seiscentistas, uma linguagem depurada ainda com elementos da arquitectura fortificada.

3. AS CASAS SETECENTISTAS

A sobriedade da casa nobre seiscentista persistiu por muito tempo, e sobreviveu muito para além do seu período histórico, coexistindo com as formas exuberantes do Barroco Joanino e do Rococó. Deste modo, no século XVIII, no concelho de Ponte de Lima tanto encontramos casas com frontispícios muito sóbrios, marcados pelo rigor das linhas rectas, como nos deleitamos com a fantasia das linhas curvas, côncavas e convexas, presentes nos coroamentos dos vãos, e por vezes na ondulação das cornijas. Temos ainda uma grande diversidade programática: casas com uma torre com corpo residencial adossado, casas com duas torres ligadas por entre si por corpo central, e casas sem torre. As torres conheceram um grande enriquecimento, com a abertura de vãos de janela e com a colocação de pirâmides ou obeliscos no entablamento, acentuando a sua verticalidade e ajudando a definir linhas de força, ritmos, e direcções significativas.

Em geral, a abertura de um maior número de vãos reflecte uma enorme evolução: para além de ventilarem o interior da residência, proporcionando uma melhor qualidade de vida, perspectivam as vistas de quem está dentro, criando-se assim uma forte relação com a natureza e com o meio social; permitem igualmente, àqueles que olham de fora para dentro, descobrir um mundo sofisticado, próprio das elites. Com o apogeu do Barroco, os frontispícios ganham maior expressão e dramatismo, e irrompe uma maior preocupação com a representação social dos

proprietários. Surgem novas estruturas, como as varandas alpendradas, as arcadas e as escadarias de aparato, que marcam de forma indelével as fachadas das casas, tornando-se elementos distintivos. As varandas alpendradas e as arcadas funcionam como espaços protegidos, que facilitam a circulação, e são também locais de trabalho, convívio e lazer. A escadaria de granito, com túrgidas volutas na base, tão característica da teatralidade barroca, pode ter um ou mais lanços, e facilita o acesso ao andar nobre e às salas de aparato; contudo, o seu valor não lhe advém exclusivamente da mera funcionalidade, mas sobretudo do dinamismo que confere ao frontispício da casa. A sua importância está ainda ligada à ritualização de práticas sociais e à encenação de sumptuosidade. A capela vincular marca igualmente o frontispício da casa, especialmente quando se encontra no seu enquadramento, e revela a proeminência dos seus proprietários. A construção de capelas junto das casas nobres ocorreu nos séculos XVII e XVIII, acompanhando a afirmação do Barroco; anteriormente existiam oratórios, as chamadas *casas de rezar* ou *casas de santos*, que se situavam no interior das residências, espaço intimista, reservado aos membros da família. A edificação destes pequenos templos junto das casas senhoriais correspondeu a um momento de viragem, quando a Igreja procurou implementar e fortalecer o discurso doutrinal do catolicismo moderno que o movimento da Reforma Católica então promovia. Embora particulares, estas capelas desempenharam um papel determinante na aproximação das populações aos ritos católicos, e as famílias nobres cumpriram com a sua missão evangelizadora, enriquecendo o património da Igreja. A presença de pedras de armas no frontispício da casa ou da capela constitui outro sinal exterior de afirmação e demarcação social.

O Paço de Beiral, na freguesia de Beiral do Lima, a Casa da Granja, e a Casa de Pomarchão, ambas na freguesia de Arcozelo, são setecentistas, mas apresentam uma planta semelhante à Casa dos Barbosa Aranha: uma torre de planta quadrangular com corpo residencial de planta rectangular adossado (porventura o modelo mais comum na Ribeira Lima).

A Casa da Granja é um dos mais belos solares do concelho, único no seu estilo, atribuível aos primeiros decénios do século XVIII. É composta por um torreão de três pisos, rebocado e pintado de branco, com vão de porta no primeiro piso, vão de janela de sacada no segundo, e finalmente vão de janela de guilhotina no último. No coroamento encontramos cornija ressaltada e rematada por quatro pirâmides monumentais, colocadas no alinhamento das pilastras da ordem toscana dos cunhais. Adossado à torre desenvolve-se o corpo residencial de dois pisos com dupla arcada (seis arcos de volta perfeita no segundo piso, e cinco no piso térreo), e com varanda de balaústres no andar nobre, cujo acesso é feito por uma belíssima escadaria de um lanço com um largo *perron* perpendicular à fachada da casa. Não

muito longe da casa, junto à portada duplamente armoriada, encontramos a capela vincular, datada de 1717, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

A Casa de Pomarchão é outra das mais significativas casas solarengas do Alto Minho, encontrando-se na posse da Família Malheiro Reimão desde a sua fundação. Esta casa tomou o aspecto imponente que hoje se lhe conhece após a ampliação e remodelação, em meados do século XVIII, de um edifício mais modesto do século XVII. Deste período é certamente a capela dedicada a Nossa Senhora do Desterro, que veio substituir outra. Da mesma época é a renovação da torre, que apresenta no emolduramento dos vãos e no entablamento uma linguagem decorativa muito semelhante à usada na capela vincular. Estas intervenções terão sido realizadas no tempo de Ventura Malheiro Reimão, com o apoio financeiro do seu irmão D. António do Desterro Malheiro (1694-1773), Bispo de Angola (1738-1745) e do Rio de Janeiro (1746-1773), que não teve oportunidade de as conhecer, já que veio a falecer pouco tempo depois, no dia 5 de Dezembro de 1773, tendo sido sepultado no claustro do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. O corpo residencial de dois pisos apresenta um esquema arquitectónico de linhas severas de gosto maneirista, com varandas alpendradas nas fachadas Nascente e Sul. O acesso ao andar nobre é feito por duas escadarias barrocas de um lanço, colocadas perpendicularmente aos dois frontispícios.

O Paço de Calheiros, na freguesia de Calheiros, a Casa do Cardido, na freguesia de Brandara, a Casa das Torres, na freguesia da Facha, e a Casa da Lage, na freguesia dos Arcos, são exemplares representativos de casas com duas torres ligadas entre si por um corpo central. A particularidade desta tipologia caracteriza-se por apresentar dois tipos de frontispícios: um voltado para o exterior, com grande impacto panorâmico (frontispício composto por um corpo residencial ladeado por duas torres) e outro, mais intimista, virado para um pátio ou terreiro interior (frontispício marcado pela presença das varandas alpendradas e das escadarias de aparato).

A Casa de Nossa Senhora da Aurora, no antigo Arrabalde de São João, em Ponte de Lima, a Casa Ferreira, na freguesia de Arcozelo e a Casa da Garrida, na freguesia da Ribeira, são igualmente setecentistas, e apresentam uma alternativa à casa com torres, inscrevendo-se na tradição urbana de casas de planta longitudinal, com longas fachadas, onde o ritmo e movimento se encontram na profusão de vãos que rasgam os alçados.

A Casa de Nossa Senhora da Aurora é uma das mais eruditas do concelho, sendo o seu risco atribuído ao engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos, embora não exista nenhum suporte documental para tal atribuição. Esta magnífica casa apresenta um alçado de dois pisos, com frontispício seccionado por pilastras da ordem toscana. No andar nobre, entrevêm-se onze janelas de sacada de ombreiras e vergas rectas, sobrepujadas por frontões triangulares, e com varandins de ferro

forjado; no piso térreo, assiste-se à alternância de portas e janelas. No cunhal da casa, virado a Sul, junto à capela, pode ainda ver-se uma pedra de armas com elmo, paquífe e timbre, assente numa cartela decorativa, onde se insere um escudo com composição esquartelada com as armas de Sá, Sotomaior, Rebelo e Abreu e timbre de Sá. De acordo com a escritura de dote e património, a capela foi instituída em 1723 (4 de Agosto) por João de Sá Sotomaior, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Desembargador na Relação da cidade de São Salvador da Baía: [...] *que elle estando na America fes promessa a Virgem Nossa Senhora digo da Aurora fazendo-lhe uma cappella na sua quinta do Arrabalde [...]*¹¹. A capela, que se encontra adossada, mas ligeiramente recuada, repete a linguagem clássica da fachada da casa, e mostra três lápides epigrafadas. A primeira exalta a importância da Fé: “*Se não for o Senhor a edificar a casa em vão trabalham os construtores*”; a segunda, refere o instituidor: “*João, brilhante Aurora, construiu este pequeno santuário. Cresça esta Devoção e o Amor Santo*”; e a terceira, assinala o fim da construção deste templo: “*Ano do Senhor de 1731 mês de Setembro*”.

A Casa Ferreira mostra um alçado de dois pisos seccionado por pilastras da ordem toscana com cinco janelas de sacada de ombreiras rectas e lintel almofadado no andar nobre, e no piso inferior, três vãos de porta com ombreiras rectas e lintel almofadado, e dois vãos de janela de ombreiras e peitoril rectos, e lintel igualmente almofadados. No topo sul, à esquerda do observador, encontra-se a capela dedicada a Nossa Senhora da Estrela, cuja fachada repete os elementos decorativos da casa. As cartelas epigrafadas existentes no frontispício da capela permitem identificar os seus instituidores e ajudam a datar este edifício.

A Casa dos da Garrida, expressão popular que identifica a origem da Família Melo da Gama de Araújo e Azevedo da Quinta da Garrida, também denominada Garrida Velha, situada no lugar de Talharezes (freguesia da Ribeira), ou Casa de São José, referindo-se ao orago da capela, instituída por José de Azevedo Pereira Pinto, em 1747, está situada no extremo oeste da Rua do Arrabalde, na saída de Ponte de Lima para Ponte da Barca. Não se sabe ao certo quando é que esta casa começou a ser construída, no entanto, na escritura de dote e património da capela de São José, o instituidor doava: [...] *a mesma quinta e casas em que vivem no dito arrabalde [...]*¹², pressupondo-se assim que a casa já estaria concluída, ou pelo menos em fase de conclusão. O frontispício da Casa da Garrida apresenta um alçado tripartido: à direita do observador, o corpo residencial de dois pisos, com seis vãos de janela sacada no andar nobre, e no piso térreo, alternância de vãos de janela de peitoril com vãos de porta; ao centro, uma ala de planta rectangular com

¹¹ A.D.B., Livro do Registo Geral n.º 54 (1723-1724), fls. 53-60.

¹² A.D.B., Livro do Registo Geral n.º 61 (1748-1749), fls. 228v-229.

uma discreta varanda alpendrada (que actualmente se encontra fechada), e uma torre sineira; e por último, a capela vincular, cujo acesso se faz por uma escadaria de lanços divergentes. A gramática decorativa desta casa é totalmente diferente das duas anteriormente referidas. A exuberância do emolduramento dos vãos e o frontispício da capela denunciam já uma estética tardo barroca.

4. CONCLUSÕES

Este estudo pôs em perspectiva a evolução das formas de habitar e das mentalidades em cada período histórico. A arquitectura civil quatrocentista e quinhentista do concelho de Ponte de Lima revela uma tendência conservadora, mantendo-se próxima dos modelos medievais. Em contrapartida, a casa nobre setecentista mostra uma grande riqueza e maior diversidade programática. Alguns elementos arquitectónicos prevalecem e assumem um papel de relevo na paisagem e na arquitectura civil do concelho: a torre e os merlões, as varandas alpendradas, as escadarias de aparato, as capelas vinculares, as portadas armoriadas, que se tornaram verdadeiros arquétipos do poder senhorial.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987) – *Alto Minho. Col. “Novos Guias de Portugal”*. Lisboa: Editorial Presença.
- AZEVEDO, Carlos de (1988) – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. 2.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- PAIVA, Maria Amélia da Silva (2011) – *A Casa Nobre no Concelho de Ponte de Lima. D. Leonel de Lima: rupturas e evolução do espaço urbano quatrocentista*. In *Actas do II Congresso Internacional Casa Nobre: Um Património para o Futuro*. Arcos de Valdevez, p. 565-583.
- RODRIGUES, Sandra; MARQUES, Marta (2007) – *O contributo da arqueologia para o estudo do centro histórico de Ponte de Lima*. In ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, coord. – *Ponte de Lima: Uma vila histórica do Minho*. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, p.133-181.
- SILVA, José Custódio Vieira da (2002) – *Paços Medievais Portugueses*. 2.ª ed. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- SOTTOMAYOR-PIZARRO, José Augusto de (2013) – *A propriedade senhorial nas inquirições dos finais do século XIII: coutos e honras, quintãs, paço e torres no Entre Minho e Ave*. In *Actas do III Congresso Internacional Casa Nobre: Um Património para o Futuro*. Arcos de Valdevez, p. 86-108.

